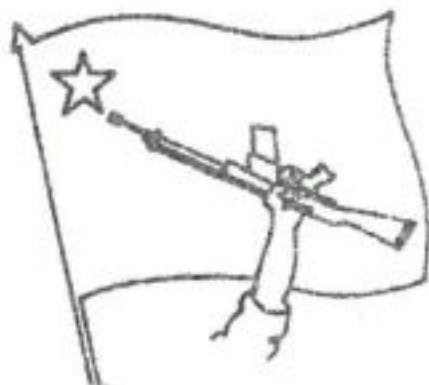


J. Guerra

**os estudantes ao lado do povo e sob a direcção da classe operária!**



CAMARADAS!

**UMA ASPIRAÇÃO DOS ESTUDANTES PROGRESSISTAS,  
UMA EXIGÊNCIA DO MOVIMENTO DE MASSAS,  
UMA NECESSIDADE HISTÓRICA,**

**O  
ENCONTRO NACIONAL  
DOS ESTUDANTES PORTUGUESES!**



A situação actual na sociedade portuguesa encontra-se carregada de material altamente inflamável. A crise económica e política aprofunda-se e agudiza-se dia a dia.

O movimento operário, camponês e popular conhece um novo e poderoso desenvolvimento.

É a classe operária que luta e se une como o aço contra os despedimentos, são as greves com ocupação de fábrica contra o desemprego, que em breve colocará no nosso país meio milhão de trabalhadoras sem terem que comer ou dar de comer às suas famílias. E vejam o que se passa nos têxteis ou na electrónica, por exemplo, os despedimentos em cadeia, e como a classe operária se movimenta, como ela age.

São os camponeses que ocupam os baldios-" Os baldios são do Povo! "- e os latifúndios -" A Terra a quem a trabalha! "-grita o coração do povo dos nossos campos.

São os soldados e marinheiros que se erguem contra a repressão fascista e militarista e que se recusam a voltar as armas contra o povo, pois eles são filhos do povo e também lutam nos quartéis como os operários nas fábricas e oficinas, como os camponeses nas terras de todo o país. Como os pescadores em todo o Litoral, que ousam tomar nas suas mãos uma luta mais forte e eles cada vez mais coesos. Como as massas populares que se levantam contra a fome, a doença e a miséria, empreendendo, com grande combatividade, acções de ocupação de bairros-" O Povo fez as casas! As casas são do Povo! ", saindo dos tugúrios em que a burguesia as queria deixar viver e morrer.

E olhemos os acontecimentos do Porto, em volta do Congresso do "CDS", quando os soldados que iriam reprimir o Povo, dizendo ao povo do ódio profundo que sentem aos fascistas, ensinavam a alguns elementos das massas populares o manejo das suas armas.

A Revolução está, de facto, na ordem do dia. As massas estão em movimento. E uma grande bandeira levantam agora, uma bandeira que nenhum Estado-Maior das Forças Armadas da burguesia conseguirá vez algum fazer baixar, uma bandeira que une todo o Povo, todos os patriotas: a bandeira da Independência Nacional, que as massas alinham com os outros estandartes da Revolução Democrática e Popular, o Pão, a Paz, a Terra, a Liberdade e a Democracia, e que seguram com uma grande força, essa grande força que a classe operária e o povo têm e que poré os imperialistas e os social-imperialistas fora de Portugal.

A classe operária não dorme. As massas populares colocam cada vez mais claramente a questão do poder. Organizam-se, marcham em frente, abrem caminho e rompem para todos os quadrantes. O movimento operário, camponês e popular cresce, desenvolve-se, assume formas cada vez mais avançadas, radicaliza-se, agudiza a crise, aprofunda a crise. Acumulam-se os factores de violência. É a questão das eleições para a Assembleia Constituinte, ao contrário de representar uma trégua na luta de classes, potencializará as contradições de sociedade portuguesa.

Nós estamos sobre um monte de galhos secos e que qualquer faísca pode pegar fogo, num épice. Como pode assim um governo de burguesia governar? Claro que não pode, a burguesia já não pode governar.

E é dentro da questão da luta popular que surge a questão da luta dos estudantes. Integrando-se no grandioso caudal da luta dos operários, dos camponeses e das amplas massas de democratas, anti-fascistas e patriotas, o movimento estudantil radicaliza-se rapidamente, põe de forma cada vez mais nítida a questão do poder; nenhum Governo Provisório da burguesia, nenhuma Junta Militar dará aos estudantes a Escola Democrática e Popular, a Escola de tipo novo, científica e de massas, ao serviço dos operários e dos camponeses. Só a Revolução Democrática e Popular, só um Governo Popular, na República Democrática e Popular, com o Poder dos Operários e Camponeses poderá realizar estes justos objectivos.

E, no Ensino Secundário, já se ouve o trovão da tempestade que se aproxima — vejamos o que se passou no Liceu Amílcar Cabral no Porto e José Falcão em Coimbra, onde o Governo Provisório, para levar a cabo a sua política reaccionária no que se refere ao saneamento e à gestão, mandou o COPCON para as escolas reprimir as massas estudantis.

Olhemos o que se passa no Liceu de Almada e no Ensino Secundário de Lisboa em que a luta contra o social-fascismo se agudiza progressivamente e se prepara para ser levada até às últimas consequências.

Nós temos que estar preparados para os duros combates que se avizinham. Numa situação como a actual, em que o M"EC" se prepara para lançar uma selecção rigorosa, em que o inimigo concentra forças no sentido de levar a cabo o famigerado "serviço cívico", em que, nomeadamente durante o período de campanha eleitoral para a Constituinte e os seus possíveis reflexos nas escolas, a situação vai ser elevada ao rubro, numa altura destas, ninguém está dispensado da luta de classes, ninguém tem licença para ficar na cama; que nenhuma marada venha depois dizer que não foi avisado! A crise aprofunda-se. E nós dizemos que vai continuar a aprofundar-se.

E aqui, é precisamente da situação objectiva e do desenvolvimento do movimento de massas que nasce o ENCONTRO NACIONAL DOS ESTUDANTES PORTUGUESES.

Ele é necessário, oportuno e urgente. O próprio movimento pede o nosso Encontro Nacional, a luta exige-o. Ele permitirá conduzir num caudal único todas as lutas, dar-lhes um carácter nacional e firmar a unidade das massas estudantis em torno dos seus objectivos.

Que os estudantes portugueses se pronunciem, democraticamente, massivamente, de forma e que não deixe qualquer margem para dúvidas, acerca da política do M"EC" para o "Ensino". Que os estudantes portugueses se unam em torno de uma plataforma democrática e progressista!

E esta ideia de Encontro Nacional dos Estudantes Portugueses encontra logo, e por toda a parte, o maior carinho, pois ele materializa uma velha aspiração dos estudantes progressistas, ele satisfaz o anseio à unidade das massas estudantis, ele permite realizar aquele aspecto próprio do Movimento Associativo, que os reformistas procuram desvirtuar e que nós devemos salvaguardar, que é a característica de solidariedade estudantil.

E, possivelmente, de entre as dezenas e dezenas de milhares de estudantes que lerem este comunicado não haverá talvez um único estudante democrata que não tenha já alguma vez posto a si próprio, como desejável, a hipótese de um Encontro Nacional dos Estudantes Portugueses.

Mas o Encontro Nacional dos Estudantes Portugueses é também e, sobretudo, uma necessidade histórica, considerando a situação política actual e o movimento de massas dos estudantes, considerando que nada do que se passa no mundo e no nosso País nos deve ser estranho — qual a posição dos estudantes portugueses face às eleições para a Assembleia Constituinte? Nós temos que apoiar o programa da classe operária e não nenhum programa da burguesia. A questão que está sempre em jogo é, no fundo: qual a classe que vai dirigir o movimento de massas dos estudantes?

EM FRENTE COM UM GRANDE ENCONTRO NACIONAL DOS ESTUDANTES PORTUGUESES!

ERGAMOS A FREPI!

19/2/75

..O Secretariado Nacional Provisório  
..da Federação Revolucionária dos  
..Estudantes Portugueses ..